



Charge e contexto: relações dialógicas

Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar¹

Mestranda do Curso de Linguística Aplicada – UNITAU.

Miriam Bauab Pozzo²

UNITAU

Resumo: O objetivo deste trabalho é mostrar uma parte de uma pesquisa em andamento que visa a apresentar as relações dialógicas entre enunciados opinativos da mídia impressa como subsídio para os professores de Ensino Médio na tarefa de orientar os alunos na leitura desses gêneros a fim de conduzi-los a interpretar, julgar criticamente e relacionar diferentes modos de apresentação de notícias, assim como esperado pelos PCN. Este trabalho foi baseado na teoria dialógica de Bakhtin sobre os gêneros discursivos, possibilitando a análise das relações dialógicas entre o enunciado verbovisual e o contexto sócio-histórico-cultural. Também foram utilizadas outras concepções teóricas, direcionadas à formulação do conteúdo de produção da mídia impressa, especificamente do gênero charge. Como modelo de análise, selecionamos um exemplar desse gênero, extraído do jornal Folha de S. Paulo, do dia 15 de agosto de 2010. Esperamos com esse estudo proporcionar ao profissional de Educação certa segurança na administração e preparação das aulas, auxiliando-o na análise de gêneros discursivos na perspectiva dialógica da linguagem.

Palavras-chave: relações dialógicas, linguagem verbo-visual, gêneros discursivos.

Abstract: This work aims at presenting a partial result of my studies in progress on the dialogic relationship between the utterances of opinion found in the print media in order to help high school teachers to guide their students in the reading of this kind of genre, making them able to interpret, judge critically and relate different ways of presenting the news. This work was based on Bakhtin dialogic theory, which made the analysis of the relationship between the verbal – visual utterances and the sociohistorical and cultural context possible. Other theoretical concepts directed at developing the content of the print media production, especially the charge genre, were also used. The analyzed corpus was taken from Folha de S. Paulo newspaper, dated August 15th, 2010. We expect to help teachers with the analysis of this kind of genre using the dialogic perspective and thus make them feel more secure while preparing and giving their classes.

Keywords: dialogic relationship, verbal-visual language, speech genre.

1. Introdução

Nos tempos atuais, em que as informações chegam de maneira muito rápida e diversificada, visto o grande e avassalador desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento, a

¹ vaniafazioaguiar@yahoo.com.br

² puzzo@uol.com.br



leitura com consciência crítica é um grande desafio para os aprendizes que cursam o Ensino Médio. A utilização de diversificadas estratégias de manipulação pelos veículos de informação, utilizando diversos modos de apresentação de notícias e opiniões, refletem suas ideologias com o objetivo de influenciar o receptor, o que se confirma com Bakhtin (2009, p. 33), quando afirma que “cada campo de criatividade tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”. Pode-se dizer, então, que nesta variedade de enunciados da mídia impressa encontra-se uma rica fonte de estudos.

Para os PCN (2000), pensar um novo currículo para o Ensino Médio coloca em presença as mudanças estruturais que decorrem da chamada “revolução do conhecimento”, alterando o modo de organização do trabalho e as relações sociais. Assim, faz-se necessário um novo olhar a todas as possibilidades que possam visar o entrosamento e crescimento na área escolar, cabendo uma nova postura em que o acompanhamento das transformações é imprescindível para que uma consciência crítica possa ser desenvolvida. “A consciência só se torna consciência quando ela se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2009, p. 34). Dessa forma a utilização dos textos midiáticos nas escolas pode se tornar um novo modo de olhar para uma mudança de postura dos alunos na sua visão de mundo.

O estudo dos gêneros aplicados à área educacional promete uma mudança de postura no ensino de Língua Portuguesa pela sua amplitude em todas as esferas sociais alcançada por meio de observações analítico-discursivas e linguísticas capazes de fazer perceber os sentidos implícitos inseridos no discurso. De acordo com os PCN (2000, pp. 5-6),

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. São estes os princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96.

Um enunciado da mídia impressa, em particular, dependendo de cada ideologia em que se baseia determinado veículo, traz impregnada a direção que o enunciador pressupõe seu leitor assumir, não podendo, segundo Melo (2003), ser desvinculada do universo de expectativas da coletividade a que pretende atender/influenciar. A intenção da imprensa e, especialmente, do jornal diário, é levar a informação ao leitor buscando uma determinada postura frente ao mundo em que vivemos (AGUIAR, 2004).



Os sentidos emanados pelos enunciados, para cumprirem o objetivo a que se destinam, devem corresponder ao universo cultural do leitor a fim de haver possibilidade de uma correspondência ideológica passível de uma resposta ação, tornando-se, o jornal, segundo Romualdo (2000), um mediador entre o público e os fatos, na construção de uma realidade reproduzida.

Um enunciado do gênero charge pode ser entendido como uma concretização ideológica veiculada, que se dispõe a persuadir o leitor. Pode-se dizer, então, que realizada, a sua análise está muitas vezes relegada à História, à Sociologia ou à Política (COIMBRA, 1993).

De acordo com Puzzo (2009, p. 474),

O contato com o mundo real é mediado principalmente pelas imagens de impacto que se distribuem em páginas de jornal, capas de revista, noticiários de TV, entre outros. A força dessas imagens é tão viva que sua apreensão é feita como se elas fossem a realidade concreta, pois é difícil duvidar do que se vê. Entretanto, refletindo sobre essa questão há diferenças substanciais na forma como tais imagens são captadas e reproduzidas.

Ler um texto visual, para Aguiar (2004), é sempre considerar que o conteúdo se submeta às coerções do material plástico e que essa materialidade também significa. “O entendimento dessas forças amplia o campo da experimentação e da interpretação tanto para o criador quanto para o observador, e os leva a um conjunto [...], capazes de unir mais estreitamente a realização e o significado” (DONDIS, 2007, p. 189). Compreender/interpretar um enunciado do gênero charge requer, dessa maneira, uma competência que pode ser desenvolvida durante o período escolar.

Assim, este trabalho visa a apresentar o dialogismo existente entre o gênero charge e contexto sócio-histórico como subsídio para os professores de Ensino Médio na tarefa de orientar os alunos no desenvolvimento da habilidade de análise e julgamento desse gênero a fim de conduzi-los a interpretar, a julgar criticamente um dos diferentes modos de apresentação de notícias.

Para a sua realização, foi utilizado um exemplar do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 15 de agosto de 2010 em que foram aplicados os principais conceitos que abrangem o estudo dos gêneros discursivos na visão bakhtiniana, possibilitando, assim, analisar as relações de sentido do enunciado verbovisual, sendo observados alguns elementos de sua composição, considerando-se o contexto sócio-histórico-cultural.



2. Referencial teórico

No século XIX, a linguagem foi colocada como algo secundário, independente da comunicação. Assim, o papel do ouvinte era passivo, e a linguagem era subestimada na sua função comunicativa, foco de estudo do Círculo de Bakhtin, em que o outro, o ouvinte, tem participação ativa na interação comunicativa. O falante, organizando sua enunciação nos parâmetros previstos para que haja uma comunicação, espera uma ativa posição responsiva por parte de seu ouvinte, concretizando a alternância dos sujeitos do discurso e, dessa forma, limitando cada enunciado concreto, realizado sob a influência dos enunciados dos outros e prolongado pelos enunciados responsivos dos outros. “Cada enunciado é um elo na corrente completamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272)

Em suas atividades, os seres humanos interagem sócio-histórico-culturalmente, dentro de determinada esfera social, tocando os milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência ideológica. Essas ideias são transmitidas pelo estilo, pelo conteúdo temático e pela construção composicional inseridos na enunciação, relativamente estáveis, pois são determinados pelas condições específicas e pela finalidade de cada esfera de ações em constante modificação pelas necessidades imediatas. A interconexão da linguagem com a vida social ocasiona novas maneiras de ver a realidade, implicando o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes.

Dessa forma, o ser pensante frente às suas manifestações como produtor/responsável pela compreensão de seu enunciado inclui-se em todos os saberes prévios aparentes ao lado de outros saberes desconhecidos de si, mas em funcionamento na interação social, manifestando seu ponto de vista de acordo com seu horizonte social e sua reação a ele, esperando uma resposta de seu interlocutor. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Na comunicação dialógica, o enunciador incorpora a voz ou as vozes de outro(s) enunciado(s), direcionando particularidades discursivas ou textuais ao interlocutor. Suas escolhas vão depender da imagem que aquele faz de seu interlocutor, estabelecendo aí o seu estilo individual. A mídia impressa, por meio de suas escolhas, visando à responsividade de seu leitor, propõe a direção valorativa da empresa de comunicação.



O ensino de Língua Portuguesa requer uma necessidade urgente de consolidar a aprendizagem do aluno com sua vivência. E a comunicação de massa, especificamente o jornal, presente em todos os momentos é, sem dúvida, a mola diretriz para qualificá-lo a participar da sociedade como agente modificador. Com o mundo moderno priorizando a velocidade das informações, é preciso que a leitura seja realizada de maneira significativa em tempo correspondente.

Para Geraldi (2007, p. 43) “é impossível prever todos os sentidos que a leitura produz. [...] um texto, uma vez nascido, passa a ter histórias que não são a reprodução de sentidos sempre idênticos a si mesmos. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto”.

“A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 2009, p. 38). Estas palavras que carregamos multiplicam as possibilidades de compreensão do texto (e do mundo) porque são palavras que, sendo nossas, são dos outros, e estão dispostas a receber, hospedar e modificar-se face às novas palavras que o texto nos traz (BAKHTIN, 2003). Dessa forma, para um melhor entendimento de um enunciado midiático, faz-se necessário certo aparato sobre o contexto sócio-histórico-cultural em que tal fato se realiza, a fim de se ater ao sentido emanado por suas representações.

Segundo Bakhtin (2009, 117),

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.. Quanto mais acultuado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica [...] (grifo do autor).

O sentido das palavras está no momento histórico e real em que elas são proferidas, independente de suas enunciações passadas, visto terem elas a propriedade de recriação graças à possibilidade de sentidos vários pelas singularidades dos sujeitos e dos processos constitutivos da linguagem que desestabilizam as possíveis interpretações. Refletindo a posição da teoria do Círculo de Bakhtin, uma das finalidades dos PCN (2000, p. 33) é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”; em outras palavras, dar subsídios para o educando ser competente. A competência segundo Perrenoud (1999, p. 24),



[...] orchestra um conjunto de esquemas. Um esquema é uma *totalidade constituída*, que sustenta uma ação ou operação única, enquanto uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca de informações pertinentes, formação de uma decisão, etc. (grifo do autor).

As competências desenvolvidas como metas da formação dos aprendizes “podem responder a uma demanda social dirigida para a adaptação ao mercado e às mudanças e também podem fornecer os meios para apreender a realidade e não ficar indefeso nas relações sociais” (PERRENOUD, 1999, p. 32). A familiaridade com gêneros midiáticos pode facilitar este direcionamento, pois estes refletem e refratam as ideologias circundantes.

Para Dolz e Scheunewly (1999) no caminho a percorrer deve-se estar atento às capacidades dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino/aprendizagem e à coerência dos conhecimentos em função dos objetivos visados. A necessidade de convencimento gerada na comunicação faz da mídia uma grande arena de posturas ideológicas onde são colocadas em prática estratégias surpreendentes para apresentar fatos diários, diversificando as formas de linguagens. É preciso, pois, uma atenção especial a tais linguagens.

Com Aguiar (2004), podemos reiterar a concepção de linguagem, em que seu aparecimento é condicionado pela necessidade humana de comunicação, pois é no contato com o outro que o indivíduo passa a reconhecer sua identidade. Uma linguagem cria uma realidade que pode ter sentidos diferentes para pessoas diferentes, dependendo da competência da qual se faz uso, organizando sentidos através de sistemas de signos, aceitos e conhecidos pelos integrantes do ato de comunicação, promovendo a interação. O signo é um fenômeno do mundo exterior, criado pelas pessoas em seu meio social, marcadas por seu modo de ser e visão do mundo, e carregado de sentido valorativo - daí ser ideológico-, com características específicas, que dependem das funções exercidas, provocando ações e reações no seu meio circundante. E a linguagem que é um sistema de signos ideológicos pode se manifestar através de enunciados verbais e visuais.

Partindo da afirmação do Círculo de Bakhtin de que todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio, cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos, quer sejam sociais ou individuais, daí dialogismo. Assim, dialogismos são as relações de sentido que se estabelecem



entre dois enunciados, permitindo perceber, os fenômenos presentes na comunicação. Segundo Bakhtin (2009, p.116), “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (Grifo do autor).

Para o filósofo da linguagem (2003, p. 266),

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo pelo seu conteúdo, pelo seu estilo, fraseológicos e gramaticais da língua e pela sua construção composicional, que são denominados de gênero do discurso. (BAKHTIN, 2003).

“Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301). Segundo Brait (2005, p. 147),

[...] nele coexistem diversificadas formas de pensar o mundo e a história humana. Os gêneros discursivos, por mobilizarem diferentes esferas de enunciação, representam unidades abertas da cultura. São depositários de formas particulares de ver o mundo, de consubstanciar visões de mundo de épocas históricas.

De acordo com o Manual da Redação da *Folha de S. Paulo* (2010), o jornal tem como alguns de seus objetivos produzir um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário; dar maior originalidade na identificação dos temas a serem objetos de apuração, bem como uma focalização mais precisa de sua abordagem; observação detalhada dos acontecimentos, redação clara e precisa, atitude de independência, edição pluralista e criativa organização crítica e hierárquica das notícias; oferecer ao leitor não só uma visão atual, crítica e útil, mas também clara, complexa e original dos fatos.

Além disso, os sentidos emanados pelos enunciados para promoverem o que se destinam devem corresponder ao universo cultural do leitor a fim de haver uma possibilidade de uma correspondência ideológica passível de uma resposta ação, tornando-se, o jornal, segundo Romualdo (2000), um mediador entre o público e os fatos, na construção de uma realidade reproduzida.



“As várias formas típicas de direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiares constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 305). E essas diretrizes definem a forma do enunciado para a apresentação de determinada enunciação, com certa visão valorativa, como o gênero charge.

Segundo Cagnin (1975 apud ROMUALDO, 2000, p. 23),

a elaboração manual [do texto chárigo] revela uma intencionalidade do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregada em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor.

As charges, além de possuírem a coerência e a coesão, sem as quais não pode haver o entendimento de seus elementos gráficos, implicam a intertextualidade, pois há o reconhecimento de suas configurações em outros textos produzidos pelo próprio jornal ou por outros veículos e, conseqüentemente, a polifonia, pois há uma relação simultânea com as vozes inseridas nos textos verbais, além das outras vozes circundantes nos ambientes de determinada esfera social, dando a possibilidade ao leitor de relacioná-las, facilitando a interpretação. Podemos considerar, também, a carnavalização na representação chárigo, com suas configurações contrastantes, como as do carnaval, pela visão de vida, por um lado, com leis rígidas e outra visão com liberdade, com o riso.

Segundo Célia C. A. S. Jubran, na apresentação da obra *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia* (ROMUALDO, 2000, p. 3),

[...] outro ponto importante é ser a charge bivocal, porque é carnavalesca, no sentido de Bakhtin. Ela afirma e opina sobre seu tema por meio da representação de um “mundo às avessas”, aguçando, pela própria inversão de valores sociais que promove uma visão mais límpida da realidade.

A possibilidade das várias leituras que a charge permite torna-a uma fonte de posições valorativas, dando condições para o leitor relacioná-la dialogicamente. “As charges não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam ao leitor” (ROMUALDO, 2000, p. 53).

Baseado nesses pressupostos teóricos, foi estabelecido o dialogismo existente entre a charge e o contexto vigente de um exemplar selecionado do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 15



de agosto de 2010. Antes, porém, para uma melhor compreensão dos fatos, será apresentado um pequeno esquema sobre o contexto da época em que o enunciado foi publicado:

- “Exames estaduais e nacionais mostram que matemática é o ponto mais crítico do ensino público [...]. Algumas propostas apresentadas pelo governo para aumentar o nível de conhecimento dos alunos não dão os resultados esperados” (PAGNAN; TAKAHASHI, 2010, C1).
- Apresentação de um projeto prevendo pagamento de vale-presente a alunos da rede pública de ensino que fizessem e dessem aulas reforço de matemática.
- A iniciativa foi fruto de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), professores da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadores da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).
- A falta de investimentos na Educação pública é de conhecimento de todos.
- Parte da sociedade carente brasileira é apadrinhada pelo Governo de maneiras diversas a fim de amenizar o seu pouco ganho salarial.
- O ano de 2010 foi ano de eleições para governadores.

3. Relações dialógicas entre charge e contexto



Figura 1: Charge

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*, Opinião, 15 de agosto de 2010.



A charge em questão mantém uma relação intertextual com a reportagem publicada no Jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 13 de agosto de 2010, com o título “SP paga R\$ 50 a aluno que for a reforço de matemática”, com depoimentos de educadores: “uns veem chance de aluno forçar nota ruim para ganhar dinheiro”, numa relação polifônica. O chargista, por sua vez, em seu enunciado expôs o conteúdo em uma situação escolar.

A charge, quando ilustradora de um enunciado verbal, torna-se uma simplificadora das ideias nele contidas, exercendo um papel de facilitadora da compreensão dos acontecimentos. Assim, nesse verdadeiro ‘hibridismo semiótico’, o processamento textual das informações só pode se dar com a leitura integrada do texto verbal e do material visual. (MOZDENSKI, 2008).

Cada elemento gráfico que compõe a charge, do mais visível ao mais sutil, está carregado de sentido. “Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas” (DONDIS, 2007, p. 53).

A composição das informações importantes para a leitura da charge está realizada à esquerda, visto que, segundo Dondis (2007, p. 39), “há uma tensão visual, em que o olho favorece a zona esquerda de qualquer campo visual”. No caso são o título “Estado vai dar 50 reais para aluno fazer aula de reforço” e o desenho de um buraco na parede, na altura do piso, indicando uma desconstrução, para uma leitura vertical do desencontro da proposta do governo, que é recompensar monetariamente o que deveria ser uma obrigação, e a realidade escolar em toda a penúria em que se encontra a escola atual pela falta de investimento necessário. O elemento linguístico passa a ter função figurativa apresentado no formato de letras em caixa alta e em negrito, como um grito de alerta, uma chamada de atenção.

O desenhista na sua elaboração manual do balão de linha comum indica a fala do menino “Passa a resposta errada?”, utilizando letra em caixa alta. Podemos conjecturar uma posição valorativa de comando em um tom de voz normal, pela configuração não estar em negrito - indicativo de atenção ao termo - assumindo uma postura que não condiz com uma ação digna, mas que tem permissão para realizar tal atitude, pela posição valorativa assumida pelo Estado com referência ao ensino público, com sua proposta financeira.

Podemos observar no nivelamento compositivo, de acordo com Dondis (2007, p.38), “o equilíbrio” da charge, na figura do menino infrator desenhado ao centro, remetendo-nos à “clareza de intenção” do artista, que é chamar atenção ao problema que possivelmente terá



como consequência ao que o estado pretende fazer, que é a deturpação dos valores morais e éticos, quando os alunos forçarem notas baixas para participar do projeto.

Observamos também as cores utilizadas pelo artista como:

1. na moldura do quadro em amarelo – cor quente que podemos entender como certa atenção às tecnologias didáticas, em que o quadro negro e o giz estão ultrapassados;
2. nos cabelos das crianças em vermelho – cor quente, vibrante, podendo nos remeter à indisciplina dos alunos, atualmente bastante comum em algumas salas de aula;
3. o fundo do desenho em cor amarela, que mesmo em tom pastel, pode indicar um sinal de alerta à situação do ensino público.

Para Dondis (2007),

[...] a cor tem maiores afinidades com as emoções. [...] A cor está de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum . [...] a cor oferece um vocabulário enorme e de grande utilidade para o alfabetismo visual.

Na figura do professor, o artista utiliza:

- linhas curvas para baixo, na configuração dos olhos, como se estivessem fechados, podendo dar a entender como fechados para o caos que está acontecendo na sua sala de aula;
- a linha curva para cima no desenho da boca pode indicar pouco caso, após sua fala de ordem para realizar determinada tarefa, representada por duas linhas que saem de sua direção, indicando movimento; no seu braço voltado para trás, também, podendo ser analisado como sendo de inércia ao que está acontecendo.
- duas linhas retas paralelas e uma perpendicular para denotar a extensão da barriga do professor, como se ele não fosse ativo.

“A linha reflete a intenção do artista, seus sentimentos e emoções mais pessoais e, mais importante que tudo, sua visão” (DONDIS, 2007).

As linhas utilizadas para o artista retratar o assoalho em tábuas corridas denota coisa antiga, passada, assim como os prédios onde funcionam grande parte das escolas públicas.

Acima da cabeça da criança localizada à esquerda da charge o desenhista utilizou algumas linhas soltas, enfatizando o esforço do aluno para solucionar a sua tarefa, podendo nos remeter à ideia de falta de base para a sua aprendizagem, o que é comum presenciar nas escolas públicas.



No chão, desenhos como uma ponta de cigarro e um pedaço de papel podem representar a falta de pessoal de limpeza, que sendo hoje um serviço terceirizado, pode dar a entender como uma denúncia da má direção das verbas para tal finalidade.

Dessa forma, o desenhista, através de sua enunciação, delata o modo como se encontra a escola pública pela falta de investimento necessário, quando configura o buraco da parede da sala de aula – indício de negligência; o piso em tábuas corridas – sinal de tempos antigos; a postura do professor: impessoal e descompromissado; o quadro negro e o giz em destaque – tecnologia didática ultrapassada; a postura do aluno na tentativa de burlar o próprio Estado, tirando notas baixas somente para fazer parte do programa de reforço, com a fala “Passa a resposta errada?”, falta de preparo do professor, falta de base do aprendiz para a aprendizagem. Por outro lado, o governo, por meio de sua nova proposta para estimular o aluno para o aprendizado, assume a condição de apadrinhar mais uma vez o aluno carente, desta vez nos estudos, quando anuncia um possível abono financeiro a quem realizar o que deveria ser sua obrigação: dar conta de seus estudos para o seu próprio progresso como indivíduo e, também, valorizar o dinheiro da população trabalhadora que arca com todas as despesas de seu estudo, através de impostos.

O chargista ironiza a situação utilizando a oposição entre o elemento pictórico e o verbal enfatizando as deficiências da Educação pública que deveriam ser supridas por meio de investimentos do Estado na conservação do patrimônio, na tecnologia didática, na preparação do professor, na retidão dos valores morais. Para Brait (2008, p. 62), “no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica”. Estabelece-se, dessa forma, uma cumplicidade entre o enunciador da charge e o enunciatário, favorecendo a compreensão daquilo que o locutor propõe.

Com a afirmação de Dondis (2007, p. 99) de que “a forma segue a função”, podemos concluir que a intenção do artista, nas formas de sua informação verbovisual, foi mais geral e abrangente pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir, dependendo do universo de informações do leitor, pois “a charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça”. (ROMUALDO, 2000, p. 23).

Assim, finalizamos essa pequena análise das relações dialógicas entre charge e contexto com as palavras de Bakhtin (2003, p. 300):



O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Todo enunciado sempre responde de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam.

4. Conclusão

Procurando relacionar os sentidos emanados de um enunciado pertencente à mídia impressa com o contexto vigente, podemos auxiliar nossos aprendizes a compreender/interpretar as diversas formas de como são representados os acontecimentos para que determinados objetivos sejam alcançados.

Por meio da análise dialógica foi possível o relacionamento dos diferentes recursos que nos permitem a obtenção de uma adesão ideológica, em que foram correlacionados o contexto vigente e as escolhas verbovisuais representadas no gênero charge.

Visando a uma possível resposta-ação, esperamos que essa amostra de análise do enunciado charge, em que alguns aspectos foram relacionados dialogicamente, colabore no ensino/aprendizagem de gêneros da mídia impressa nas escolas, possibilitando ao aprendiz uma maior clareza nas diferentes formas de apresentação de um gênero jornalístico quanto ao seu julgamento crítico, assim como ditado pelos PCN.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido* (org. Brait). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*; tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.



GERALDI, João Wanderley. Uma oferta de contrapalavras. In: *O espelho de Bakhtin*. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MANUAL de Redação: Folha de S. Paulo. 16ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000.

PAGNAN, Rogério; TAKAHASHI (Fábio). Jornal Folha de S. Paulo, 13 de ago. 2010, Cotidiano 1;3.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PUZZO, Miriam Bauab. A Fotografia em capas de revista e a constituição do sentido. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. 17º. 2009. Campinas. Anais do 17º COLE. Campinas, SP: ALB, 2009. Disponível em <http://www.alb.co.br/portal.html>. Acesso em 23/09/2011.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

TEIXEIRA, Lúcia. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. In: *Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. (Org.) BASTOS, Neusa Barbosa. São Paulo: EDUC, 2008. pp. 299-306. ISBN: 978-85-283-0379-7.